



Transformando espaços com instalações artísticas: crianças como coprodutoras de cidades sustentáveis

Paula Barros, PhD, Universidade Federal de Minas Gerais

paula-barros@ufmg.br

Ana Clara Mourão Moura, PhD, Universidade Federal de Minas Gerais

anaclara@ufmg.br

Eliza Maria A. Fernandes Rezende, graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais

elizamafr@ufmg.br

Mariana Jorge M. B. Silva, graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais,

marianajorge@ufmg.br

Ana Luiza M. Dutra, graduanda, Universidade Federal de Minas Gerais

analuizamalaquias@ufmg.br

Número da sessão temática da submissão – [7]

Resumo

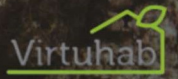
A violação do direito infantil ao livre ir-e-vir pelos espaços abertos que estruturam os seus arredores residenciais é um impeditivo para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil e no mundo. Um fator, dentre outros, que explica o decréscimo da mobilidade independente das crianças é a baixa qualidade dos espaços abertos disponíveis. Esta pesquisa objetiva explorar o potencial das práticas de urbanismo tático com crianças na produção de espaços abertos facilitadores da mobilidade infantil independente. Para tal, foram utilizados uma série de métodos para produção (observações participantes, notas de campo, sessões de observação sistemática, vídeos, entrevistas semi-estruturadas) e análise (análise multicritérios e análise temática) de dados. Este estudo verificou que o urbanismo tático com crianças se apresenta como uma ferramenta potente na criação de espaços abertos interessantes, agradáveis, sociáveis e, por conseguinte, mais seguros e atraentes para o livre ir-e-vir das crianças.

Palavras-chave: Mobilidade infantil independente; Urbanismo tático; Direitos infantis; Sustentabilidade

Abstract

The violation of children's right to free exploration of the open spaces that shape their residential surroundings is a barrier to achieving the Sustainable Development Goals in Brazil and worldwide. Poor quality open spaces have contributed to the decline in children's independent mobility. This research explores the potential of tactical urbanism practices with children in the creation of open spaces supportive of their independent mobility. To achieve this, various methods were employed for data collection, including participant observations, field notes, systematic observation sessions, videos, and semi-structured interviews. The analysis was conducted using multicriteria analysis and thematic analysis techniques. The study found that tactical urbanism with children is a powerful tool for making urban open spaces safer and more appealing for children free exploration and enjoyment.

Keywords: Children's independent mobility; Tactical urbanism; Children's rights; Sustainability



1. Introdução

O alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) lançados pela Agenda 2030 pressupõe a promoção e proteção dos direitos infantis. Atualmente, aproximadamente 27 milhões de crianças e adolescentes no Brasil têm pelo menos um dos seus direitos violados, um impeditivo para o alcance de cidades sustentáveis por impactar negativamente na qualidade de vida das crianças (UNICEF, 2019). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) enuncia que toda a criança tem o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1991).

Promover o direito infantil à liberdade compreende promover a mobilidade infantil independente (Brasil, 1991)—liberdade concedida à criança para ir, vir e estar nos espaços abertos que estruturam os seus arredores residenciais sem a supervisão de um adulto (Sabbag; Kuhnen; Vieira, 2015). O bem documentado declínio da mobilidade infantil independente tem sido acompanhado da diminuição dos níveis de atividades físicas, redução de oportunidades sociais e recreativas ao ar livre e aumento no tempo de exposição às telas eletrônicas (Sabbag; Kuhnen; Vieira, 2015).

O “emparedamento da infância” (Tiriba, 2005) tem preocupado autoridades públicas por estar associado a um maior risco de ganho de peso, doenças metabólicas e crônicas, sentimento de solidão e medo, comprometimento do sono e da saúde mental (Barros et al., 2024; Sabbag; Kuhnen; Vieira, 2015). Estes estudos evidenciam que a violação do direito infantil ao livre ir-e-vir pelos seus arredores residenciais restringe a vivência do direito ao brincar, exercitar-se, divertir-se, à convivência comunitária, à cultura, ao lazer, e à saúde.

Como os direitos são indissociáveis—a violação de um afeta o exercício dos outros—a promoção e proteção dos direitos infantis e, portanto, a produção de cidades sustentáveis, requer um esforço conjunto (Brasil, 1991). Ações para promover a mobilidade independente da criança devem considerar as barreiras sociais (e.g., regras definidas pelos pais/cuidadores, medo do tráfego) e físicas (e.g., calçadas perigosas, ruas sem calçada) (Sabbag; Kuhnen; Vieira, 2015). A deterioração da qualidade dos espaços abertos é um dentre os vários fatores que explicam o gradual decréscimo da liberdade concedida às crianças.

Hoje em dia, principalmente nos grandes centros urbanos brasileiros, os espaços abertos têm sido descritos como “terra de ninguém”: lócus do medo, perigo, desordem, criminalidade, violência, poluição, colisões e fatalidades. Os poucos espaços abertos adequados para a criança circular, brincar e explorar de forma mais autônoma têm se configurado como fragmentos no tecido urbano (Barros *et al.*, 2024; Moura *et al.*, 2024). A promoção da mobilidade infantil independente é premente no Brasil, um dos países com mais baixos índices de mobilidade infantil no mundo (Shaw *et al.*, 2015).

Reverter a situação atual requer esforços integrados de vários agentes urbanos, incluindo-se aí as crianças. Toda criança tem o direito legal de participar de processos decisórios que impactarão na qualidade de suas vidas (Brasil, 1991). Todavia, os processos de planejamento, projeto e gestão dos espaços são essencialmente elitistas e voltados para atender, principalmente, os interesses dos consumidores e produtores (adultos). No cenário atual, o urbanismo tático tem se apresentado como uma ferramenta capaz de proporcionar o ativo envolvimento das comunidades no incremento dos seus espaços (Barros; Fontes-Sansão, 2024; Lydon; Garcia, 2015). O urbanismo tático compreende intervenções de pequena escala,



baixo custo, rápidas, escaláveis e experimentais (Lydon; Garcia, 2015). Tais estratégias, ao permitirem o teste de ideias, têm catalisado mudanças permanentes (Lydon; Garcia, 2015).

Esta pesquisa objetiva ampliar a nossa compreensão acerca do potencial do urbanismo tático com crianças que vivem nas zonas mais empobrecidas das cidades no enfrentamento do declínio da mobilidade infantil independente. Para tal, este estudo, realizado na favela do Morro do Papagaio (Belo Horizonte), foi dividido em quatro fases.

A fase 1 abarcou a transformação da calçada ao longo da rua União, trecho adjacente à Escola Municipal Ulysses (EMUG), via ações de urbanismo tático envolvendo crianças e adultos, estudantes da EMUG e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), respectivamente. Estes grupos trabalharam colaborativamente na co-criação e instalação de estruturas artísticas no trecho em estudo. A fase 2 envolveu observar o trecho da rua União, selecionado como estudo de caso, sem ações de urbanismo tático (Tempo 0), para compreender o seu uso rotineiro. A fase 3 incluiu a aplicação de uma variedade de métodos para investigar os possíveis impactos das estruturas artísticas, Papelando (Tempo 1) e Plantação (Tempo 2), nos comportamentos das pessoas, quais sejam: observação participante, notas de campo, observações sistemáticas e vídeos. A fase 4 abarcou entrevistas semi-estruturadas com crianças para compreender como as intervenções artísticas impactaram nas suas fruções. As análises foram divididas considerando o trecho sem intervenção (Tempo 0) e com as intervenções artísticas (Tempo 1 e Tempo 2).

Os dados comportamentais foram organizados no ambiente SIG para visualização dos comportamentos mais recorrentes e os perceptivos foram analisados através da análise temática. Os resultados deste estudo têm potencial para informar e fomentar ações de urbanismo tático com crianças que apontem na direção do enfrentamento do declínio da mobilidade infantil independente, um passo necessário para o alcance dos ODS.

2. Marco teórico

2.1. Fascinação soft

A Teoria da Restauração da Atenção (TRA) (Kaplan, 1995) nos ajuda a compreender como a inserção de certos elementos em espaços abertos, via ações de urbanismo tático, pode contribuir para que este se torne atraente, aos olhos das crianças (e seus responsáveis), para caminhar, pedalar, brincar e explorar de modo mais autônomo. A TRA parte da premissa que as pessoas necessitam de um esforço constante para não perderem o foco para algo mais interessante durante a realização de uma determinada tarefa. A atenção direta é um recurso finito e necessário para as pessoas manterem a concentração (e.g., leitura). Por exigir esforço mental, atividades que exigem atenção direta eventualmente provocam fadiga, que se manifesta na forma de maior propensão a erros, impulsividade, irritabilidade e estresse.

A restauração da atenção direta requer que um modo alternativo e involuntário de atenção entre em ação: atenção indireta. Estes dois modos de atenção, atenção direta e atenção indireta, operam em paralelo: são independentes, mas complementares. O modo de atenção indireta envolve a experiência de fascinação, um estado que requer pouco esforço mental para prestar atenção. A fascinação pode ser hard ou soft. A primeira capta a atenção das pessoas de um modo irresistível, deixando pouco espaço para atividade mental periférica. A fascinação soft, ao contrário, apesar de também captar a atenção das pessoas involuntariamente, permite a contemplação: afloramento de pensamentos aleatórios, reflexões e devaneios. Assistir televisão e ver o pôr do sol evocam fascinação hard e soft, respectivamente. Apesar de muitas

peças, crianças inclusive, assistirem televisão para relaxar, a capacidade restauradora desta atividade tende a ser menor que atividades que oportunizam a fascinação soft, como caminhar em um parque, porque esta atividade deixa pouco espaço mental para reflexões,

A presença de elementos fascinantes em espaços abertos cujas qualidades físicas favorecem o caminhar, brincar, passar o tempo, dentre outras atividades sociais, ao incrementarem a qualidade da experiência urbana, teriam o papel de atrair e reter pessoas por mais tempo, favorecendo a vigilância natural. Considerando que o medo inibe a mobilidade independente da criança, espaços abertos com um certo nível de movimentação de pessoas são mais seguros para a livre exploração infantil em função da “rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados.” (Jacobs 2000, p.32). Elementos fascinantes nos espaços abertos, portanto, contribuiriam para a promoção da mobilidade infantil independente ao atraírem a atenção das pessoas, evocarem contemplações (reflexões), desencadearem emoções positivas e, eventualmente, ao incrementarem a vitalidade urbana, favoreceriam a vivência de um senso de segurança.

3. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa se deu no contexto do Morro do Papagaio (Belo Horizonte), favela também conhecida como Aglomerado Santa Lúcia, formada por quatro vilas: Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia, Vila São Bento (também chamada de Vila Carrapato ou Bicão) e Vila Barragem Santa Lúcia (Figura 1). Segundo o censo de 2010, a favela abriga 16.914 habitantes em 3.848 residências, distribuídas em uma área de 477.000 m² (IBGE, 2012). O Morro do Papagaio é cercado por bairros nobres da cidade de Belo Horizonte: Sion, Belvedere, Santo Antônio e São Pedro.

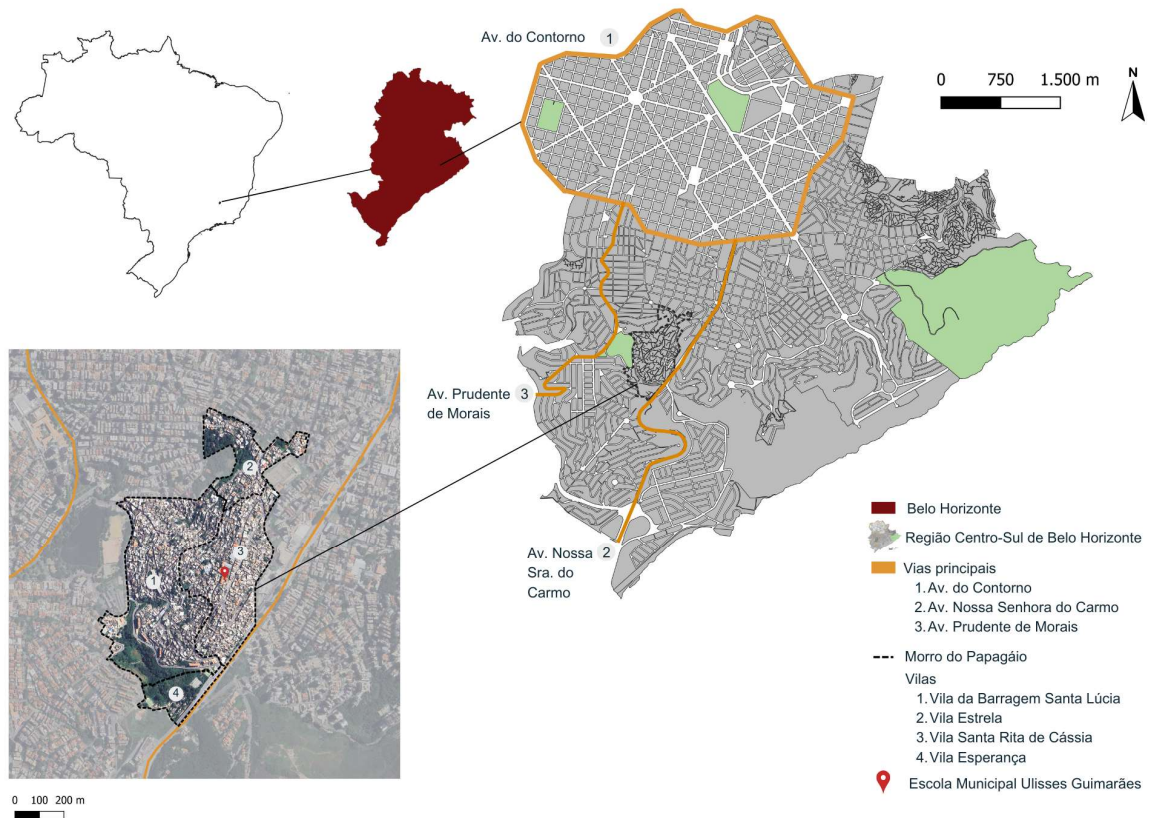


Figura 1: Mapa de localização do Morro do Papagaio. Fonte: elaborado pelos autores.

A rua União, trecho entre as ruas Raimundo Tinti e São Tomás de Aquino, foi selecionada como caso de referência para o presente estudo por atender aos seguintes critérios: intenso fluxo de crianças e apresentar calçada faceada por um plano opaco sem manifestações artísticas (Figura 2). Esse segmento viário conta com importantes equipamentos públicos: Escola Municipal Ulysses Guimarães (EMUG), Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Marta Nair Monteriro e Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Vila Santa Rita de Cássia. A pista de rolamento no trecho em estudo, apesar de mão única, é utilizada como mão dupla pelos veículos automotores e como calçada pelas pessoas, sem maiores conflitos.



Figura 2: Localização do trecho viário selecionado como caso de referência. Fonte: elaborado pelos autores.

As ações de urbanismo tático realizadas no primeiro e segundo semestre de 2024 são parte de uma sequência de oficinas ministradas no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMG com o propósito de sistematizar conhecimentos sobre o ensinar-aprender a projetar com crianças. Aqui, estudantes de graduação e crianças trabalharam juntos para transformar temporariamente a calçada ao longo da rua União que tangencia a EMUG. As instalações artísticas permaneceram na calçada por aproximadamente duas horas, entre 15h30 e 17h30, em diferentes dias da semana.

Whyte (1980) demonstrou que uma compreensão aprofundada das inter-relações entre pessoas e espaços demanda escutas e observações. Assim, entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com as crianças para compreender os seus sentimentos em relação ao trecho em estudo. Fez-se uso da análise temática para analisar os depoimentos das crianças e notas de campo (dados perceptivos). Este método compreende os seguintes passos: (1) familiarização com os dados, (2) geração de códigos iniciais, (3) busca por temas, (4) revisão dos temas, (5) definição e nomeação dos temas, (6) escrita do relatório.

Foram aplicados uma série de métodos—observações participantes, notas de campo, observações sistemáticas e vídeos—para coleta de dados comportamentais. A análise dos dados comportamentais envolveu a organização dos dados em Sistemas de Informações

Geográficas (SIGs). É inquestionável que nos dias de hoje todos os fenômenos e ocorrências, sejam eles físicos ou sociais, possuem vinculação territorial e podem ser georreferenciados, ou seja, amarrados por uma localização geográfica. Salientando os benefícios na adoção SIGs, Secondini (1988, p.96) defende que seus recursos:

...tornam possível a constatação sempre mais analítica e objetiva da organização territorial de um lado e, por outro lado, faz emergir novos elementos de conhecimento e novas sugestões de interpretação relacionadas a particulares fenômenos econômicos e sociais, em função de sua distribuição no território

Inicialmente foram realizadas coletas em campo, tendo o cuidado de georreferenciá-las, o que resultou na produção do dado geográfico, associado a atributos mensurados. Na sequência, a coleção de dados vetoriais (pontos georreferenciados) foram associados a tabelas com os atributos observados, compondo a informação estruturada no SIG (no caso o software QGis). Foi aplicado um modelo de distribuição espacial de pontos com o intuito de identificar a concentração de ocorrências: o modelo de densidade de ocorrências (Kernel Density).

Foram compostos mapas de cada variável mensurada, e a coleção foi integrada por Análise de Multicritérios, resultando na identificação de concentração de ocorrências de todas as variáveis observadas, por tema de investigação de interesse. Observa-se que o processo parte da coleta do dado, evolui na composição de informação estruturada, explora as potencialidades da informação espacializada para identificar a concentração espacial de ocorrências, e resulta em ganho de conhecimento quando identifica fenômenos relativos a comportamentos espaciais e suas motivações (Figura 3).

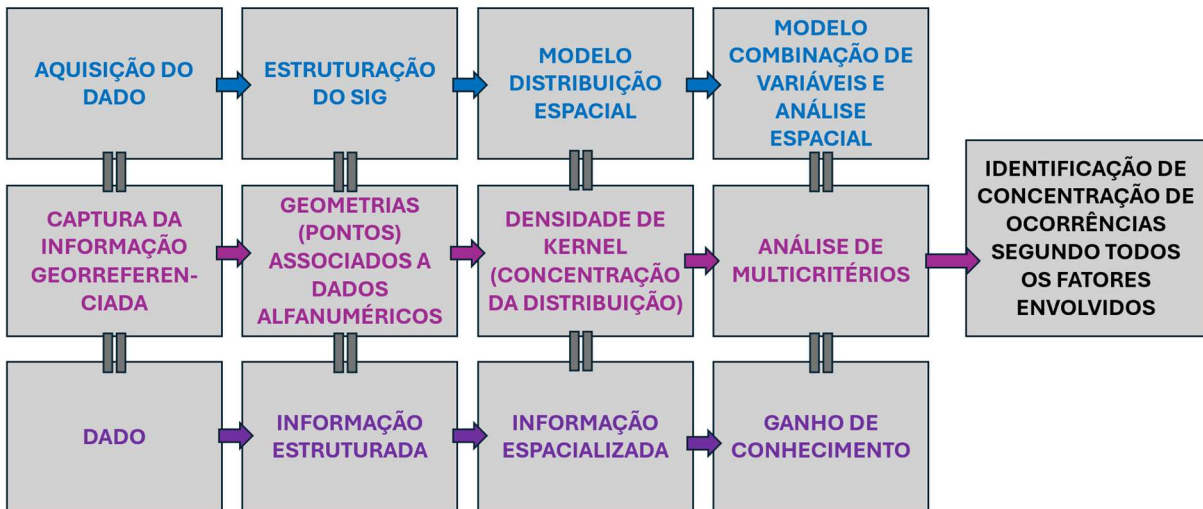
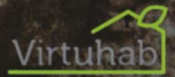


Figura 3: Etapas de emprego do SIG e geoprocessamento. Fonte: elaborado pelas autoras.

O dado no SIG foi organizado segundo pontos e com uma tabela de atributos associada, caracterizando o que aconteceu em cada ponto quanto ao comportamento e caracterização do cidadão (faixa etária, gênero, entre outras). Cada variável mensurada, seja ela comportamental ou de caracterização do cidadão, foi analisada segundo concentração espacial, gerando mapas de Densidade de Kernel cujo foco está em investigar a agregação de ocorrências e a extensão ou área de influência de cada agregação. Compostos os mapas temáticos de concentração de ocorrências por variáveis, eles são combinados por Análise de Multicritérios, que resulta na espacialização de onde o maior número de variáveis se concentra, em combinação.

O Quadro 1 descreve o perfil das crianças participantes (os nomes apresentados são fictícios para garantia do anonimato). A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG (CAAE 78622524.0.0000.5149).



Quadro 1: Perfil dos participantes.

Participantes	Idade	Sexo
Maria	11 anos	Feminino
João	10 anos	Masculino
Carlos	10 anos	Masculino
José	11 anos	Masculino
Isa	11 anos	Feminino
Felipe	11 anos	Masculino
Fabiana	12 anos	Feminino
Ana	10 anos	Feminino
Marcelo	10 anos	Masculino
Juliana	10 anos	Feminino
Manoel	10 anos	Masculino
Sônia	11 anos	Feminino
Rafael	10 anos	Masculino
Gustavo	11 anos	Masculino
Luiz	11 anos	Masculino

Fonte: Autores.

4. Resultados e discussões

Dois temas emergiram da análise temática dos depoimentos das crianças: as instalações artísticas têm potencial para funcionar como “atrativos capazes de evocar emoções positivas e reflexões” e “catalisadores de conversas informais”.

4.1. Atrativos capazes de evocar emoções positivas e reflexões

Aos olhos das crianças, as instalações artísticas atraíram o interesse dos passantes, oportunizaram a contemplação e a experiência de sentimentos positivos. Rafael notou “todo mundo ia lá ver, tirava fotos também.” Ana disse que ao ver a instalação na rua “fui procurar meu desenho e vi dos meus amigos; eu gostei muito.” Evidências sugerem que a fascinação soft oferece oportunidades para melhora dos nossos estados atencionais e emocionais, contribuindo significativamente para o incremento da nossa sensação de bem-estar (Kaplan, 1995).

Entrevistadora: O que você achou dessa escultura?

Ana: Legal!

Entrevistadora: Legal? Por quê?

Ana: É criativa.

Entrevistadora: Criativa? Me conta, o que ela tem de legal e criativa?

Ana: Porque a gente consegue aprender mais coisa, pensar mais coisas divertidas!

4.2. Catalisadores de conversas informais

As instalações ao chamarem a atenção, impulsionaram conversas. A triangulação (Whyte, 1980) explica este fenômeno: elementos ou eventos atrativos motivam conversas, inclusive entre estranhos. Estudos prévios verificaram que a socialização também oportuniza a experiência da fascinação soft (Kaplan, 1995). Segundo as crianças, as estruturas artísticas acabaram por “animar” a rua União.

Entrevistadora: E quando você viu a escultura, o que você fez?

Manoel: Sei lá, falei para minha mãe “Oh mãe, aquela escultura ali fui eu que fiz! Tá?”

Entrevistadora: E o que sua mãe falou? Você lembra?

Manoel: Ela falou “Oh! Que legal, parabéns!”

Entrevistadora: E para que que essa escultura foi feita, Isa?

Isa: Eu acho que era para animar a rua... Não sei. Uma coisa assim... para deixar a rua mais bonita. Eu acho que era para isso.

4.3. Intervenções artísticas e o uso social

A análise dos dados comportamentais considera o trecho sem intervenção (Tempo 0) e com as intervenções artísticas Papelando (Tempo 1) e Plantação (Tempo 2). Foram observadas 178 pessoas realizando algum tipo de atividade social estacionária durante as sessões de observação sistemática. No Tempo 0, 63, no Tempo 1, 69, e no Tempo 2, 46 pessoas (Figura 4). Aproximadamente metade das pessoas observadas realizando algum tipo de atividade estacionária tinham entre 18 e 60 anos: no Tempo 0 (30 [47,62%]), Tempo 1 (27 [58,70%]) e Tempo 2 (69 [33%]). As crianças (pessoas com até 12 anos) foram o segundo grupo etário mais comum no Tempo 0 (28 [44,44%]), Tempo 1 (27 [39,13%]) e Tempo 2 (10 [21,74%]). Nos Tempos 0, 1 e 2, as pessoas se aglomeraram nas bordas da rua União, principalmente em frente à EMEI, aguardando a saída das crianças. Este resultado indica que a maioria das pessoas observadas frequentavam o espaço para realizar uma atividade necessária. As intervenções artísticas atraíram a atenção das pessoas, principalmente das crianças, mas não foram capazes de alterar o uso rotineiro do espaço.

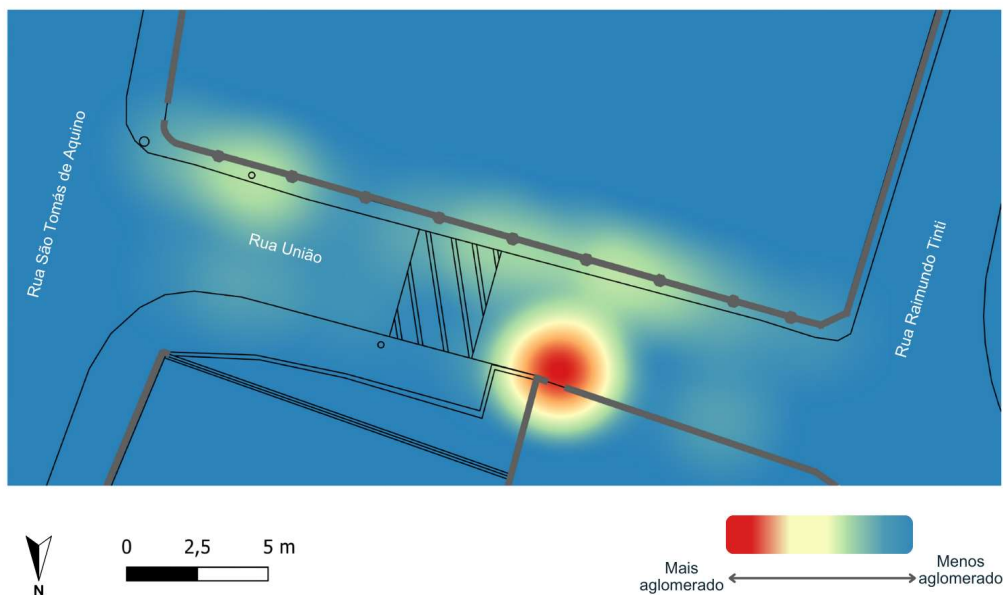


Figura 4: Integração de mapas de Kernel por Análise de Multicritérios. Fonte: elaborado pelos autores.

Dos 23 ambulantes observados apontando ou tateando o muro (ou intervenção) nos Tempos 0, 1 e 2, a maioria eram crianças (18 [78,26%]). No Tempo 0, foram vistas 8 crianças (88,89%) passando a mão no muro ao longo do caminhar (Figura 5). Este resultado indica o quanto as texturas são apelativas para as crianças.

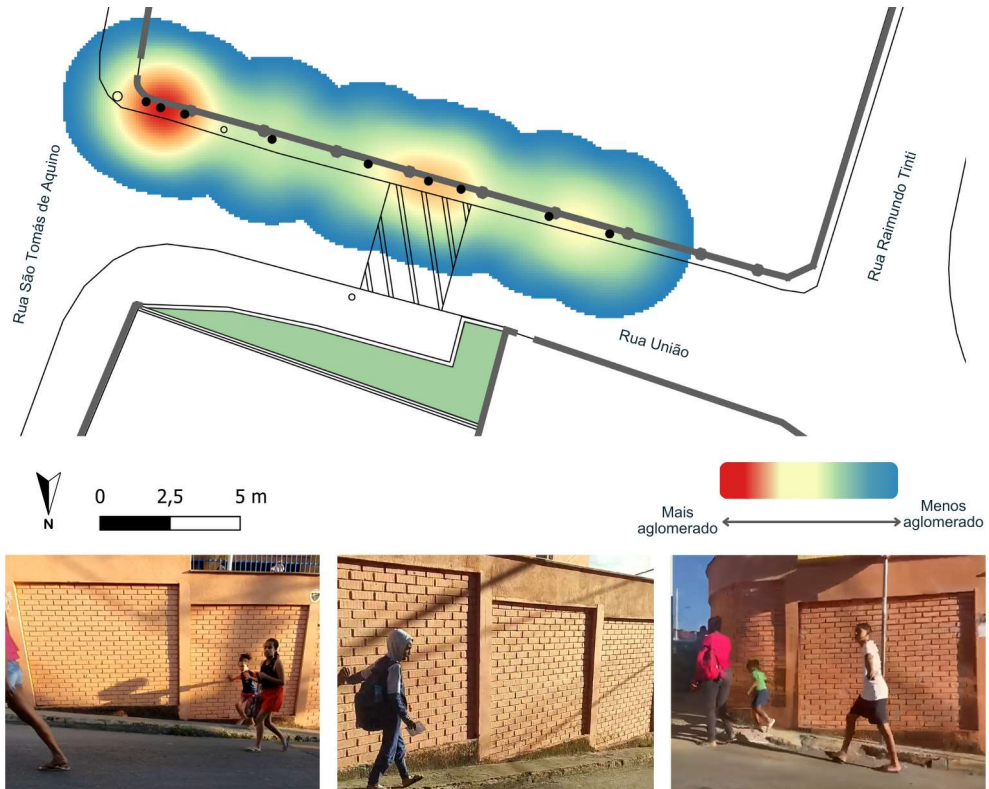


Figura 5: Mapa comportamental e fotos ilustrativas das crianças tocando no muro (Tempo 0). Fonte: elaborado pelos autores.

As crianças foram o principal grupo etário observado diminuindo o passo, apontando, se aproximando e tocando nas intervenções (ou no muro): Tempo 1 (6 [60%]) e Tempo 2 (4 [100%]) (Figuras 6 e 7).

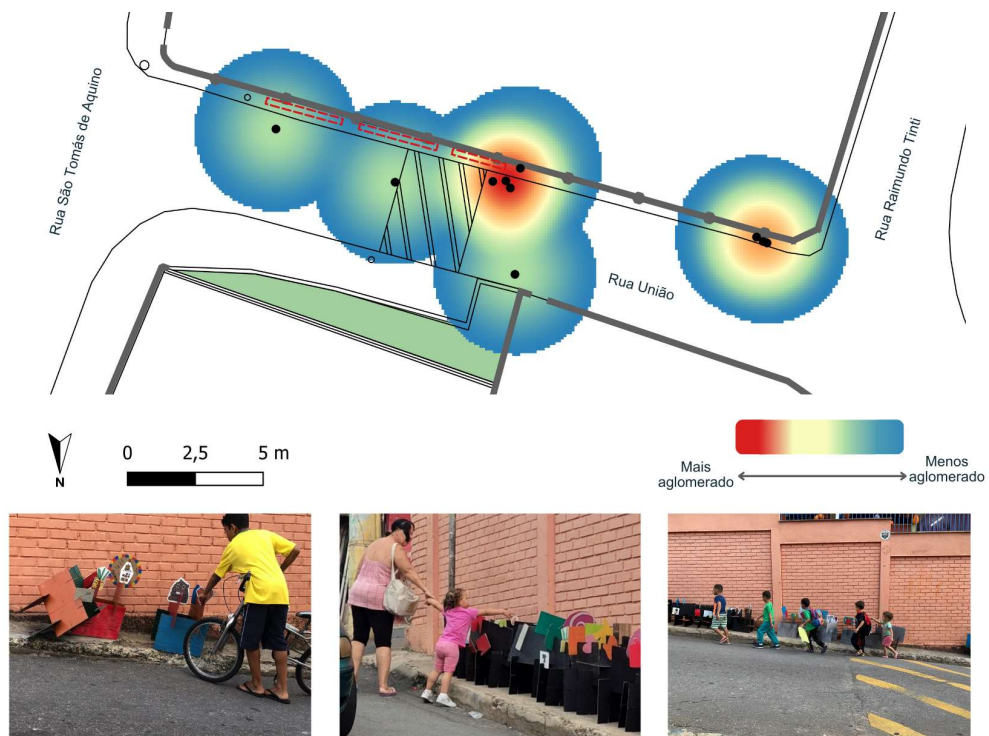


Figura 6: Mapa comportamental e fotos ilustrativas do Tempo 1. Fonte: elaborado pelos autores.

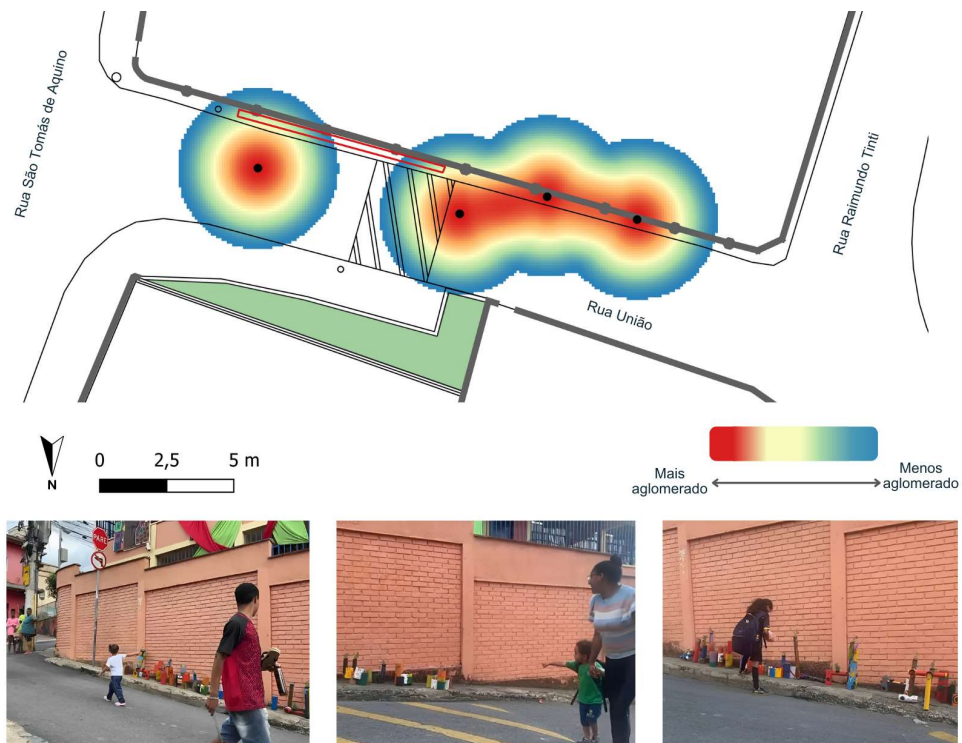


Figura 7: Mapa comportamental e fotos ilustrativas do Tempo 2. Fonte: elaborado pelos autores.

Com frequência, os cuidadores das crianças, a grande maioria adultos, as segurava pelas mãos para mantê-las a uma distância razoável das intervenções e advertia: “Não pode tocar!”. Outros, à distância, apontavam para as intervenções e alguns se divertiam com as crianças, interagindo com as estruturas. As observações e os vídeos mostraram que na ausência dos adultos, um maior número de crianças teria interagido fisicamente com as estruturas artísticas. Outras crianças, ao verem as estruturas caídas em função da força do vento, as organizava.

A presente pesquisa confirma que as crianças apreciam oportunidades para vivenciar criatividade e entretenimento ao ar livre (Yang *et al.*, 2024). Ao atraírem e reterem as pessoas por mais tempo no espaço, favorecendo conversas informais, as intervenções artísticas se apresentam como elementos fascinantes capazes de eventualmente promoverem a vitalidade e segurança nos espaços abertos, facilitando a vivência do livre ir-e-vir, do brincar, dentre outros direitos infantis.

5. Considerações Finais

Boa parte dos estudos abordando a mobilidade infantil independente tratam da importância em garantir a segurança das crianças nos espaços abertos. Tanto os depoimentos das crianças quanto os mapas comportamentais indicam que espaços interessantes também são importantes na promoção da mobilidade infantil independente por oportunizarem a experiência da fascinação soft e, assim, aumentarem o entusiasmo das crianças (e demais pessoas) para permanecerem por mais tempo no espaço. A prática de atividades sociais (e.g., conversar, caminhar) ao ar livre, por outro lado, impacta positivamente na saúde física, social e mental das crianças. A vitalidade urbana, por outro lado, tende a evocar um senso de segurança, tão importante na promoção da mobilidade infantil independente.

As intervenções artísticas foram capazes de atrair a atenção das pessoas, estimular conversas, diminuir o ritmo do caminhar, desencadear reflexões e evocar sentimentos positivos evidenciando o potencial do urbanismo tático com crianças no alcance dos ODS.



Esta pesquisa também evidencia o papel da academia como agente promotor de modos mais inclusivos, dinâmicos e flexíveis de pensar e transformar cidades com crianças em prol da promoção e proteção dos seus direitos. Finalmente, esta pesquisa revelou que ações de urbanismo tático com crianças, ao refletirem as suas preferências, posicionam as crianças enquanto agentes capazes de contribuir com a produção de cidades sustentáveis.

6. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Pró-reitora de Extensão da UFMG (PROEX), Pró-reitoria de pesquisa (PRPq), Programa de Fomento à Formação em Extensão na Pós -graduação da UFMG (FORMEX), INCT em Neurotecnologia Responsável e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar o projeto 406500/2023. Agradecimentos especiais a todos que contribuíram com a pesquisa, em especial à comunidade da EMUG e às crianças participantes da pesquisa.

Referências

BARROS, Paula; FONTES, Adriana Sansão. Projetar intervenções temporárias com crianças: para quê? *In: Anais do Seminário Internacional PROJETER: Projetar para quem? Projetar para quê? Projetar como?* João Pessoa, Paraíba: Even3, 2024. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/Anais/projetar2023/655156>>. Acesso em: 23 set. 2024.

BARROS, Paula; GUERRA, Paulo Henrique; KHAN, Matluba; *et al.* Chapter Four - Impact of active travel to school on children's health: an overview of systematic reviews. *In: MINDELL, Jennifer S.; WATKINS, Stephen J. (Orgs.). Advances in Transport Policy and Planning.* [s.l.]: Academic Press, 2024, v. 13, p. 145–169. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2543000923000379>>.

BARROS, Paula; MOURA, Ana Clara; PIRES DINIZ, Anna; *et al.* Ferramentas para potencializar a participação infantil em processos de planejamento, desenho urbano e projeto de espaços livres urbanos. *Revista Transverso*, v. 1, n. 15, 2024. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/transverso/article/view/9005>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069/90. São Paulo: Atlas, 1991.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **30 anos da convenção sobre os direitos da criança: avanços e desafios para meninas e meninos no Brasil.** São Paulo: Unicef, 2019.

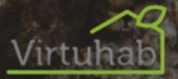
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAPLAN, Steven. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology*, 15(3), 169–182, 1995. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0272-4944\(95\)90001-2](https://doi.org/10.1016/0272-4944(95)90001-2)>. Acesso em: 10 fev. 2025.

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. **Tactical Urbanism: Short-Term Action for Long-Term Change.** Washington: Island Press, 2015.

MOURA, Ana Clara Mourão; ROSA, Ashiley Adelaide; BARROS, Paula. Children's Independent Mobility in Urban Planning: Geospatial Technology with a Technical Approach and Citizens' Listening. *Geographies*, v. 4, n. 1, p. 115–140, 2024.



SABBAG, Gabriela Mello; KUHNEN, Ariane; VIEIRA, Mauro Luís. A mobilidade independente da criança em centros urbanos. **Interações (Campo Grande)**, v. 16, n. 2, p. 433–440, 2015

SECONDINI, Piero (Org.) **La conoscenza del territorio e dell'ambiente; il ruolo delle tecnologie dell'informazione**. Milano: Enidata, 1988. 269p. (Coleção Dati & Fatti)

SHAW, B.; BICKET, M., ELLIOTT, B.; FAGAN-WATSON, B.; MOCCA, E.; HILLMAN, M. **Children's independent mobility: an international comparison and recommendations for action**. Westminster University: Policy Studies Institute, 2015.

VELOCINA VARGAS TIRIBA, Lea; CABICIERI PROFICE, Christiana. Desemparedar infâncias: contracolonialidades para reencontrar a vida. *O social em questão*, v. 2, n. 56, 2023. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=62303@1>. Acesso em: 7 mar. 2025.

WHYTE, W. H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. Washington, DC: The Conservation Foundation, 1980.

YANG, Yihong; WANG, Qi; WU, Dongchen; *et al.* Constructing child-friendly cities: Comprehensive evaluation of street-level child-friendliness using the method of empathy-based stories, street view images, and deep learning. **Cities**, v. 154, p. 105385, 2024.